

## DOIS PROJETOS ECLESIAIS PARA A CAVALARIA

AMADO, André Miele \*

Universidade Federal da Paraíba

[mieeamado@gmail.com](mailto:mieeamado@gmail.com)

### GRUPO DE TRABALHO: ESTUDOS CLÁSSICOS E MEDIEVAIS

Coordenadora: Profa. Dra. Marinalva Vilar de Lima (UFCG)

No começo, como veio ao mundo menosprezo de justiça devido à míngua de caridade, conveio que pelo temor a justiça retornasse à sua honra. E por isso, de todo o povo foram divididos em grupos de mil e de cada mil foi eleito e escolhido um homem, mais amável, mais sábio, mais leal e mais forte, e com mais nobre coragem, com mais ensinamentos e de bons modos que todos os outros.

O livro da Ordem de Cavalaria

Ramon Llull

### RESUMO

A Igreja Católica procurou, a partir do século XI, moralizar o mundo militar, controlar a cavalaria atuando sobre sua ideologia, construída a partir de elementos eclesiásticos e nobiliárquicos. Dentro da Igreja houve duas linhas em relação à cavalaria. Cada qual gerou o seu tipo ideal de Cavaleiro, com identidade e códigos próprios. A primeira linha, capitaneado por Bernardo de Clarvaux, propunha a integração da cavalaria à instituição eclesiástica. Definia a Cavalaria como o braço armado da Igreja. Como exemplos têm os Templários e os Hospitalares, monges, semelhantes às outras ordens católicas, só que combatiam o demônio com a espada e não somente com rezas. A segunda linha ideológica, baseada no pensamento de Ramon Llull, pretendia controlar os Cavaleiros por meio de uma ética, atribuindo a cavalarias ideais, objetivos e normas de comportamento. Diferentemente da linha representada por Bernardo que defendia o **monge guerreiro**, Llull vai propor o **guerreiro cristão**, ou seja, o Cavaleiro não fazia parte da instituição católica, mas era doutrinado por ela.

---

\* Licenciado em Física pela Universidade Federal da Paraíba e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da mesma universidade.

Ricardo da Costa, historiador medievalista da UFES<sup>1</sup>, defende a tese que dentro da Igreja Católica havia duas linhas em relação à cavalaria. Cada uma das linhas irá gerar o seu tipo ideal de Cavaleiro, com identidade e códigos próprios.

Utilizando conceitos de Le Goff Ricardo da Costa afirma que desde o final do século XII, a cavalaria era criticada por diversos grupos sociais, entre eles, a igreja e os príncipes. (LE GOFF, 1994, apud COSTA, 2000:XXVIII). A Igreja denunciava o não cumprimento de sua missão original, além de adquirir valores mudanos como os torneios. Os príncipes denunciavam a transformação da Cavalaria em exércitos mercenários, que ainda por cima se aliavam a outras milícias.<sup>2</sup>

A Igreja Católica procurou controlar a cavalaria atuando sobre sua ideologia, construída a partir de elementos eclesiásticos e nobiliárquicos. Associado a um sistema de crenças, a ideologia medieval baseava-se em textos da teologia cristã. A Igreja pretendeu, a partir do século XI, moralizar o mundo militar, moldar a cavalaria a um código ético particular. As três principais determinações dessa ética seriam: fidelidade, valentia e generosidade (largueza). (DUBY, 1987, Apud COSTA, 2000:XXIX)

A ideologia é um sistema de representações globalizante, deformante e estabilizador, que pretende preservar as relações sociais e mascarar funções sociais e econômicas. Ela não é um reflexo do vivido, mas um projeto de agir sobre a realidade social, permitindo ao grupo criar a identidade comum que coordena suas ações, fazendo-o agir coletivamente (DUBY, 1982 Apud COSTA, 2000:XXIX.). Numa mesma sociedade coexistem várias ideologias concorrentes, correspondendo a diferentes grupos sociais, étnicos, culturais e de relações de poder. (DUBY, 1976, apud COSTA, 2000:XXIX)

A primeira linha, capitaneado por Bernardo de Clarvaux (1090-1154), monge cisterciense, propunha a integração da cavalaria à instituição eclesiástica e justificava a violência através da finalidade correta. Definia a Cavalaria como o braço armado da Igreja. Percebia a cavalaria como integrante da instituição, ou seja, o cavaleiro representava a própria instituição católica. Como exemplos temos os Templários e os

---

<sup>1</sup> Ricardo da Costa também é acadêmico correspondente da *Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona*, membro do instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, da Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM) e da comissão Brasileira de Filosofia Medieval.

<sup>2</sup> As chamadas Grandes Companhias. Para mais informações, ver TUCHMAN, Barbara W. Um espelho Distante. O terrível século XIV, 1990.

Hospitalares, todos monges, semelhantes as outras ordens católicas, só que combatiam o demônio com a espada e não somente com rezas.

Um detalhe importante na criação da Ordem dos Templários é que São Bernardo era sobrinho de um dos nove cavaleiros fundadores e também foi o patrono dos mesmos, além de ter sido o redator do código da Ordem. (WARD, J. M. UPTON, 1992:2)

No Código dos Beneditinos o termo *miles Christi*, milícia de Cristo, significa o combate ao demônio e aos pecados capitais com rezas e jejuns. Entretanto com a guerra empreendida pela Igreja contra os Mulçumanos modificou o imaginário Cristão. A combinação de monge e guerreiro passou a ser algo novo e o sentido de *milícia de Cristo* passou a significar o combate mortal aos Mulçumanos. O papa Gregório VII e São Bernardo foram os responsáveis por essa mudança. (WARD, J. M. UPTON, 1992:2)

A segunda linha ideológica da Igreja, baseada no pensamento de Ramon Llull, pretendia controlar os Cavaleiros por meio de uma ética, atribuindo a cavalarias ideais, objetivos e normas de comportamento. Diferentemente da linha representada por Bernardo que defendia o **monge guerreiro**, Llull vai propor o **guerreiro cristão**, ou seja, o Cavaleiro não fazia parte da instituição católica, mas era doutrinado por ela. A Igreja Católica legitimava a função da Ordem da Cavalaria na sociedade e a colocava como a guardiã da Cristandade, embora sem fazer parte da estrutura eclesial. (COSTA, 2000:XXXI)

Esta abordagem doutrinava a partir da literatura, escrita por seus clérigos para um público guerreiro, assim a luta estava sempre presente, mas por trás estavam a ideologia cristã, as virtudes do cavaleiro ideal e a função do cavaleiro de estar a serviço da monarquia e do papa. Assim foi formando-se uma ideologia própria ao grupo de Cavaleiros, o código cavaleiresco, fundamentado no esquema ideológico das três ordens do feudalismo. (DUBY, 1976, apud COSTA, 2000:XXIX)

A literatura Cavaleiresca adotava uma postura romanceada da guerra e do guerreiro. Baseava-se nos mitos do ciclo arthuriano para definir a Ordem da Cavalaria. Era uma ordem de homens nobres e probos que existia para trazer justiça a terra e aos homens. No entanto, na prática, a Ordem de Cavalaria servia não para trazer uma justiça

de igualdade entre os homens, mas uma justiça que sancionava e legitimava a ordem estabelecida. Assim a cavalaria servia para defender os interesses da nobreza, do Rei e do Papa.

*Tanto é nobre coisa o ofício de cavaleiro que cada cavaleiro deveria ser senhor e regedor de terra; mas, para os cavaleiros, que são muitos, não bastam as terras. E, para significar que um só Deus é senhor de todas as coisas, o imperador deve ser cavaleiro e senhor de todos os cavaleiros; mas, porque o imperador não poderia por si mesmo manter e reger todos os cavaleiros, convém que tenha abaixo de si reis que sejam cavaleiros, para que o ajudem a manter a Ordem de Cavalaria. E os reis devem haver abaixo de si condes, condores<sup>3</sup>, varvesores<sup>4</sup>, e assim os outros graus de Cavalaria; e debaixo destes graus devem estar os cavaleiros de escudo, os quais sejam gorvenados e possuídos pelos graus de Cavalaria acima ditos.(LLULL, 2000:27)*

Nessa perspectiva, a Ordem da Cavalaria estava a serviço da Igreja não por obrigações institucionais. Eles se submetiam por laços invisíveis, internos, a virtude. Em nome da Virtude os Cavaleiros buscavam a atitude correta, mesmo que lhes custasse à vida. Virtude e fé se confundem, são indissociáveis para o homem medieval.

### Ramon Llull

Ninguém melhor para definir *o que é a Cavalaria* do que um cavaleiro-filósofo medieval que escreveu uma obra sobre o assunto. Não qualquer obra, mas uma que compreendia a essência da Cavalaria segundo seu autor. Ramon Lull (1232-1316) importante filósofo medieval, influenciou o pensamento europeu, foi o primeiro a escrever obras filosóficas em língua catalã vernácula. Filho de nobre, de muitas posses, dominava o latim e o árabe. Dominava o manejo das armas e era hábil na equitação. Estudioso da teologia e das filosofias cristãs, árabes e judaicas. Ele tinha todos os requisitos do Cavaleiro. Em sua obra “O livro da Ordem de Cavalaria” ele depositou os

---

<sup>3</sup> Grau imediatamente inferior ao conde na hierarquia feudal catalã

<sup>4</sup> O correspondente em Portugal a infanções. Infanções é uma denominação de origem espanhola que correspondia a “filhos de alguém”. Os infanções eram fidalgos de nascimento que não desempenhavam lugares da administração pública.

ideais da Cavalaria, nela, ele buscou instruir os futuros cavaleiros sobre as virtudes da ordem.

Llull é considerado um dos precursores da análise combinatória e uma das maiores influências do trabalho de Leibniz. Ele utilizou lógica, métodos matemáticos, diagramas combinatórios e notação simbólica para representar todas as formas de conhecimento num esquema que ele chamou de *Arbor scientiae*, árvore do conhecimento. (J Fauvel and R J Wilson, 1994:49-58) Baseando-se em seus estudos místicos e em construções matemáticas, ele propunha um método de busca do conhecimento que ele denominou de *ars inveniendi veritatis*, “arte de buscar a verdade”.<sup>5</sup>

Segundo Ricardo da Costa, o autor do *Livro da Ordem de Cavalaria*, Ramon Llull, nasceu em Palma de Maiorca<sup>6</sup> por volta de 1232 e morreu em 1316, provavelmente em Túnis, norte da África. Criado na corte real de Maiorca, teve formação cavaleiresca, tornando-se também trovador. Seu pai, nobre, participou da reconquista da ilha de Maiorca aos mulçumanos, em 1229, pelo rei Jaime I de Aragão, o *Conquistador* (1213-1276). Por esse motivo, foi recompensado com propriedades na ilha. (SOTO I COMPANY, 1985, apud COSTA, 2000:XV)

Assim, Llull passou sua infância e juventude em torno da corte real. Sua educação foi direcionada para a carreira das armas, fato que influenciou consideravelmente sua produção posterior, imprimindo ao seu estilo um tom elegante e gracioso, por vezes cerimoniosos. (CARRERAS Y ARTAU, 1939, apud COSTA, 2000: XVI). Segundo Llull nos conta, sua vida era fútil e frívola. Vivia da arte de trovar e compor canções e ditados das loucuras desse mundo.

Casou-se com Blanca Picany, tendo dois filhos, Domingos e Madalena. Foi nomeado administrador da casa real de Maiorca. Viveu na corte até os trinta anos quando, teve a visão de Jesus Crucificado. Durante dias a visão retornou. Inspirado por ela, Llull converteu-se ao cristianismo e se dedicou ao trabalho missionário. Em 1275 vendeu seus bens, deixando apenas o suficiente para o provento de sua mulher e filhos e partiu em peregrinação por diversos lugares sagrados na Península Ibérica.

---

<sup>5</sup> Enciclopédia Britânica  
[www.britannica.com/eb/article-9048651/Ramon-Llull](http://www.britannica.com/eb/article-9048651/Ramon-Llull)

<sup>6</sup> Palma é a maior cidade da ilha Maiorca, maior ilha do arquipélago ilhas Baleares, província da Espanha. Situa-se no mar Mediterrâneo.

Ricardo da Costa afirma que Llull era um missionário laico, embora seu pensamento seja fortemente vinculado à espiritualidade franciscana. Ao contrário do que se costuma pensar, não existe nenhuma prova documental que Llull tenha aderido a qualquer ordem religiosa. Durante um período de sua vida esteve propenso a ingressar numa ordem, franciscana ou dominicana, mas foi dissuadido. Na verdade, Llull foi um pensador leigo e a iconografia posterior o franciscanizou.

Dedicou-se então à reflexão filosófica dirigida a cristãos, judeus e mulçumanos em viagens a Chipre, Túnis, Armênia e Sicília. Percorreu diversas universidades na Europa (Paris, Nápoles, Roma, Bolonha, Montpellier e Barcelona) (SARANYANA apud COSTA, 2000:XIX). Fundou em 1276 um colégio em Miramar, Espanha, onde os missionários cristãos podiam estudar a língua árabe.

Aprendeu árabe e interessou-se pelo misticismo sufi islâmico. Por volta de 1272 começou sua maior criação intelectual: *Ars Magna* (A Grande Arte), na qual buscou a redução absoluta de todos os conhecimentos aos primeiros princípios. Escreveu a *Árvore da Ciência*, extensa enciclopédia, contendo inúmeras passagens de valor literário, onde organizou todas as ciências como ramos de uma árvore.

Místico, poeta, filósofo, esforçou-se para abarcar o conhecimento num esquema de idealismo neoplatônico que propunha resolver todas as diferenças religiosas e estabelecer um mundo de paz. Para Llull, a inspiração criadora tem sua fonte no contato direto com Deus. Seu misticismo se propõe uma busca racional, semelhante à de Bernardo de Clarvaux.

Consolidou com seus escritos a língua catalã, então embrionária, e influenciou amplamente o misticismo por toda a Europa medieval, sendo precursor dos grandes místicos do século XVI.

Conforme levante feito por Ricardo da Costa, a produção de Llull é imensa, compreendendo em latim, árabe e catalão cerca de duzentas e oitenta obras, destacando-se, além das já citadas: *O livro da contemplação*, verdadeira enciclopédia de conhecimentos teológicos e naturais; *Blanquerna*, novela autobiográfica e notável criação literária, em parte utópica pela ampla e profunda reforma social que defende; *Félix, ou o livro de maravilhas*, narração das viagens de um homem que procura ansioso a verdade, admirando-se do que vê.

No fim de sua vida, em 1311, Llull ditou aos monges cartuxos<sup>7</sup> de Vauvert<sup>8</sup> a história de sua vida, a obra *Vida Coaetania*. Vauvert era um dos três depósitos de livros criados por Llull em vida, com o objetivo de transmitir sua obra às futuras gerações (os outros depósitos eram em Gênova, financiado pelo patrício *Perseval*<sup>9</sup> de Spínola, e em Palma de Maiorca, com o apoio financeiro de seu genro). Estes três depósitos de livros determinaram a futura tradição manuscrita luliana: uma linha francesa, uma italiana e uma catalã. (DOMÍNGUEZ REBOIRAS, 1987 apud COSTA, 2000, XIV)

A autobiografia de Llull é fragmentária e em certa medida uma justificação de sua vida e obra para ser apresentada no Concílio de Vienne, no Delphinado.<sup>10</sup> Existem duas versões da *Vita Coaetania*, uma em latim e outra em catalão. A versão em latim é considerada mais autêntica. Cogita que a versão catalã foi uma tradução da versão latina, mas ela possui detalhes adicionais, em sua maioria geográficos, não encontrados na versão latina. O professor Ricardo da Costa baseou sua biografia de Llull na versão Catalã.

Llull tentou provar os dogmas cristãos a partir de argumentos lógicos e matemáticos. No entanto, essa abordagem matemática da fé não foi aceita. O papa Gregório XI o acusou Llull de confundir a fé e condenou seus ensinamentos. (FAUVEL e WILSON, 1994 :49-58)

### O Livro da Ordem de Cavalaria

Llull surge nesse contexto em que a Cavalaria buscava uma identidade própria. Segundo Llull, além da Ordem da Cavalaria ter perdido seu rumo, todos os homens também haviam se desviado do caminho. No entanto, a Ordem da Cavalaria poderia

---

<sup>7</sup> A Ordem Cartuxa foi fundada em 1084 por São Bruno de Colônia, no vale de La Chartreuse, ao norte de Grenoble. A palavra Cartuxa é uma latinização do topônimo Chartreuse. Seu modo de vida traduzia-se num eremitismo monacal mesmo no seio de uma comunidade religiosa. Por esse modo de vida austero a ordem nunca foi popular, tendo no ano de 1524 apenas 195 mosteiros cartuxos. Ricardo da Costa, introdução do Livro da Ordem de Cavalaria. Pág. XIII

<sup>8</sup> Vauvert é a contração das palavras *le val vert*, que significa o vale verde. No início do século 17, o Palácio de Luxemburgo e o jardim foram construídos no local do mosteiro Cartuxo. Atualmente, é a sede do Senado Francês.

<sup>9</sup> Homônimo de Perseval do Romance do Graal. Seria esse fato apenas alguma coincidência?

<sup>10</sup>

regenerar a si mesma e a sociedade. Bastava que ela retomasse seus valores antigos e sua missão original, tal qual Perceval, cavaleiro do romance do Graal, que através de sua espada e virtudes salva os oprimidos e pune os injustos, incumbido de encontrar o Santo Graal, fonte de vida e salvação de toda a humanidade.

Llull afirmou que a Cavalaria deveria estar a serviço da fé cristã. O Cavaleiro é o herói que veio para regenerar o mundo, ou seja, trazer de volta a fé cristã, manter e defender o cristianismo, pacificar os homens e combater os infiéis.(LLULL, 2000:23)

Os cavaleiros deveriam imbuir-se dos mais nobres ideais, pois esta era uma missão divina, e só os puros de coração teriam o direito de prestar tal serviço. Os cavaleiros eram entre os homens os mais amáveis, mais sábios, mais leais, mais fortes, mais corajosos e de bons modos que todos os outros. No entanto, tal distinção, tamanhas qualidades num homem impunham enormes responsabilidades para com seus semelhantes e com Deus.

“Porque quanto mais nobres princípios tens, mais obrigado a ser bom e agradar a Deus e às gentes estás.” (LLULL, 2000:17)

Com certo saudosismo, como se tivessem existido, Llull recorda os antigos valores e princípios dos antigos cavaleiros, mas percebe-se que a Cavalaria primeva a que ele se refere é a cavalaria mítica da Távola Redonda. A definição que ele dá a Cavalaria é justamente a descrição dos ideais perseguidos pelos companheiros do rei Arthur. O autor não se refere diretamente à Távola Redonda, ao rei Arthur ou ao Graal, mas usa esses elementos do ciclo arthuriano em sua obra. O velho cavaleiro feito ermitão, o bosque escondido, a relação entre o jovem cavaleiro e o velho cavaleiro ermitão, o escudeiro que adormece e é levado pelo cavalo e o aspecto fundamental do ciclo arthuriano que Llull utiliza, a necessidade de pureza para ser um Cavaleiro à serviço do Graal.(COSTA, 2000: XXVI)

O clérigo rezava e convertia os infiéis pela palavra, o cavaleiro pela força, ambos a serviço da Igreja. A proximidade entre o clérigo e o cavaleiro é observada e descrita por Llull: “Os mais próximos dos ofícios que existem neste mundo são o ofício de clérigo e ofício de cavaleiro; e por isso, a maior amizade deveria existir neste mundo deveria ser entre clérigo e cavaleiro.” (LLULL, 2000:25)

Nas palavras de Ramon Llull sobre a função da Cavalaria: “Ofício de Cavaleiro é manter e defender a santa fé católica pela qual Deus, o Pai, enviou seu Filho...” (LLULL, 2000:23)

A Ordem da Cavalaria e a Ordem dos Templários eram semelhantes em muitos sentidos. Ambos tinham em sua hierarquia superior os nobres, seguiam regras parecidas, tinham votos de castidade, juramentos de não furtar, trair sua causa ou seu senhor, mas principalmente, ambos, cavaleiro e templário, estavam a serviço da Santa Madre Igreja. Ramon Llull e Jacques de Molay, último grão-mestre Templário, foram contemporâneos e Ramon Llull, em sua obra *Vida Coetânea*, contou que se alojou durante um tempo na casa de Jacques de Molay.<sup>11</sup>

## BIBLIOGRAFIA

CARRERAS Y ARTAU, Tomás y Joaquín. *História de La Filosofia Española. Filosofia Cristiana de los siglos XIII AL XV, 1939.*

COSTA, Ricardo da. Introdução do livro “O Livro da Ordem de Cavalaria” de Ramon Llull. Tradução Ricardo da Costa. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. SP: Giordano, 1º Edição, 2000.

DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando(Raimundus-Lullus-Institut, Albert-Ludwig-Universitat, Freiburg im Breisgau, Alemanha). Idea y estructura de La Vita Raymundi Lullii. In: EL, vol. XXVII, 1987, págs. 1-20.

DUBY, Georges. “História social e ideologias das sociedades”. In LE GOFF, Jacques; Nora, Piérre. *História: Novos Problemas*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Ed.. 1976.

DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*, 1982.

---

<sup>11</sup> Federico Gonzalez e Mireia Valls  
[www.geocities.com/Athens/Oracle/8612/cab\\_rena/renac02a.htm](http://www.geocities.com/Athens/Oracle/8612/cab_rena/renac02a.htm)

DUBY, Georges. Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo, 1987.

GONZALES, Federico e Mireia Valls

[www.geocities.com/Athens/Oracle/8612/cab\\_rena/renac02a.htm](http://www.geocities.com/Athens/Oracle/8612/cab_rena/renac02a.htm)

FAUVEL, J. e WILSON, R. J., The Lull before the storm : Combinatorics and religion in the Renaissance, *Bulletin of the ICA* **11** (1994), págs. 49-58.

Escola de Matemática e Ciências de St Andrews, Escócia

[www-history.mcs.st-andrews.ac.uk/Biographies/Lull.html](http://www-history.mcs.st-andrews.ac.uk/Biographies/Lull.html)

LE GOFF, Jacques. “Realidade sociais e códigos ideológicos no início do século XIII: um exemplum de Jacques de Vitry sobre os torneios”. In: *O Imaginário Medieval*, 1994, pág. 267-279.

LLULL, Ramon. “O Livro da Ordem de Cavalaria” Tradução Ricardo da Costa. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. SP: Giordano, 1º Edição, 2000.

SOTO I COMPANY, Ricard. *Alguns casos de gestió "colonial" feudal a La Mallorca Del segle XII*. In: *La formació i expansió del feudalisme català. Actes del col.loqui organitzat pel Col.legi Universitari de Girona, 8-11 de gener de 1985*.

WARD, J. M. Upton, “The Rule of Templars – The French Text of The Rule of the Knight Templar”, Editora The Boydell Press, 1992.

SARANYANA, Josep Ignasi. *Vocabulário Filosófico em linguas romances. Los primeros escritos catalanes de Ramon Llull. Publicados na Internet pelo Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. Endereço na Internet: [www.geocities.com/Athens/Forum/5284/estudos.html](http://www.geocities.com/Athens/Forum/5284/estudos.html)*